

LÃ¡grimas na Quarentena

Description

â??Acabou Chorareâ? no Som do Vinil de Charles Gavin

Enquanto a pandemia segue exibindo sua face trÃ¡gica, sinistra, funesta, ceifando um nÃºmero inacreditÃ¡vel de pessoas por aqui e pelo mundo, a semana passada tratou de levar trÃ¡s grandes nomes da cultura brasileira. GregÃ³rio Duvivier fez uma bela homenagem ao Moraes Moreira em sua crÃ´nica de quarta-feira na *Folha de SÃ£o Paulo*. O autor da cartografia afetiva do Rio de Janeiro inaugurou mais um espaÃ§o em nosso imaginÃ¡rio: o da Panificadora Ilimitada Moraes Moreira, PÃezes e Sonhos, na GÃvea.

Como o GregÃ³rio, imagino que muita gente tambÃ©m comeÃ§ou a tocar violÃ£o na ilusÃ£o de que um dia conseguiria imitar o compositor dos Novos Baianos em sua destreza com o instrumento. Vagamos nessa quimera sem nos darmos conta que Moraes Moreira e JoÃ£o Gilberto sÃ£o dois dos mais insuperÃ¡veis gÃnios em harmonizaÃ§Ã£o de acompanhamento que o Brasil conheceu (Heitor Villa-Lobos, JoÃ£o Pernambuco e Garoto ficam para uma outra categoria de virtuosos ao violÃ£o).

Na rÃ¡dio-vitrola Belair vermelha de minha irmÃ£ mais velha, o â??Ã? Ferro na BonecÃ?, disco de estreia do grupo de Moraes, se alternava com o Tom ZÃ© do LP com â??Jimmy, Renda-seâ? e â??Guindaste a Rigorâ?, o â??Sgt. PepperÃ´sâ?, a TropicÃ¡lia do â??Panis et Circensisâ? e os Ãlbuns dos Mutantes. Por essa Ã©poca jÃ¡ devia estar acontecendo o badalado encontro de JoÃ£o Gilberto com Moraes e os Novos Baianos, encontro que marcaria uma mudanÃ§a radical na sonoridade do grupo e que daria na criaÃ§Ã£o do clÃ¡ssico â??Acabou Chorareâ?.



Moraes Moreira e sua trupe conheceram João Gilberto por conta do poeta LuÃs Dias GalvÃo, parceiro constante e exclusivo do comeÃço da carreira do compositor de ItuaÃsu. GalvÃo, que como João nasceu na cidade de Juazeiro, ao norte da Bahia quase na divisa com Pernambuco, foi amigo do excÃntrico violonista da Bossa Nova durante toda a vida. No show de João Gilberto no Theatro Municipal, em 2008, era possÃvel vÃ-lo na platÃcia aproveitando aquela que seria a derradeira apresentaÃÃo pÃblica do intÃrprete maior dos clÃssicos bossanovistas.

[GalvÃo em â??Sou SertÃoâ?, programa da Universidade Federal do Vale do SÃo Francisco](#)

Essa conversa toda sobre os baianos me traz Ã memÃria a pessoa do RogÃa (certamente, Roger no nome de batismo, mas era assim que era tratado). Estamos no ano de 1977, na turma do 2o. ano do Ensino MÃdio do ColÃgio Andrews da Praia de Botafogo. O colega de classe RogÃa era filho de um cineasta baiano que tinha sido assistente de Glauber Rocha e que produzia na Bahia, nÃo sei se como ocupaÃÃo de verdade ou por diletantismo, filmes de ficÃÃo-cientÃfica de baixo orÃsamento com cenografia improvisada (gravavam nas dunas recorrendo a tudo quanto era quinquilharia para o cenÃrio). Nunca consegui descobrir de quem se tratava.

O RogÃa lembrava fisicamente o Caetano Veloso (vejam a capa do segundo disco do compositor, de 1968, depois do LP de estreia com Gal Costa). Tinha o cabelo encaracolado e o usava ao natural, sempre despenteado. Era calado, introspectivo, quase introvertido, e tinha a fala mansa. Sentava na primeira fileira de carteiras e era o melhor aluno da turma em todas as disciplinas, arrancando elogios de todos os professores. Eu sentava na Ãltima fileira, tinha as piores notas, mas a amizade com o RogÃa fazia com que ele me convidasse para ir Ã sua casa na Paula Freitas estudar na parte da tarde. LÃ, eu conheci sua irmÃ, que tinha nome de mÃsica de Dorival Caymmi (Marina), e sua avÃ que nos servia bolo no intervalo dos estudos.

Nossas aulas de sÃbado no Andrews iam atÃ© o meio-dia. Ãs 15h eu jÃi estava na Concha AcÃstica da UFRJ para assistir aos shows de Moraes Moreira. No anfiteatro da Universidade com o charme dos lugares a cÃu aberto, Moraes passava as composiÃÃes que preparava para seu terceiro disco solo, â?Alto Falanteâ?, mÃsicas que assinava com seus novos parceiros-letristas, os poetas Abel Silva, Fausto Nilo e Chacal. Tinha o acompanhamento do violÃo de Pepeu Gomes e do bandolim de Armandinho, que improvisavam solos acrescentando beleza Ã s mÃsicas. Levava meu gravador portÃtil Ã pilha e registrava todos esses shows em fita cassete. Encontrava frequentemente a Marina por lÃi, mas o RogÃa nunca deu as caras.

AlÃm de Moraes Moreira, a semana passada levou o escritor Rubem Fonseca. Gosto bastante da prosa do autor juiz-forano, mas nÃo chego a ser um dos devotos que rezam diariamente na Igreja de SÃo Rubem Fonseca, como os dedicados fÃs Arthur Dapieve, Toni Belloto e SÃrgio Rodrigues. Implico com o fato de os protagonistas do autor estarem sempre no seu canto, esquecidos de tudo, quando uma personagem gostosona bate, toda oferecida, Ã porta deles querendo conhecÃa-los.

Confesso que nÃo li em profundidade a obra do escritor, mas concordo com a avaliaÃÃo do artigo de quinta-feira passada do SÃrgio Rodrigues que chamou a atenÃÃo para o fato de que os escritos de ZÃ Rubem nÃo sÃo apenas obras de um autor de â?romances policiaisâ?. TÃm, por suas inovaÃÃes narrativas, importÃncia bem maior que esta. De qualquer jeito, como o â?romance policialâ? nÃo Ã© o meu filÃo predileto, nÃo posso falar muito. NÃo tenho nem leitura das obras de Luiz Alfredo Garcia-Roza, por exemplo. Os artigos de Raphael Montes em *O Globo* e de Ubiratan Brasil no *Estado*, sobre a pessoa do ficcionista temporÃo e sua trajetÃria, funcionaram como um convite irresistÃvel. Preciso comeÃsar por â?O SilÃncio da Chuvaâ? e ver atÃ aonde vou pelas ruas de Copacabana em companhia do detetive Espinosa.

Category

1. GregÃrio Duvivier
2. Moraes Moreira

Date Created

2020/04/19

Author

kikopedrosa